

A HISTÓRIA E A FOTOGRAFIA A SERVIÇO DO ESTADO: D.PEDRO II E A AFIRMAÇÃO DA NAÇÃO

**Diamantino Fernandes Trindade
Laís dos Santos Pinto Trindade
Luiz Felipe dos Santos Pinto Garcia**

RESUMO

O objetivo deste ensaio é discutir a relação entre a necessidade de afirmação do Estado brasileiro, as políticas culturais de D. Pedro II e sua tentativa de criar uma imagem para o nascente Estado brasileiro da segunda metade do século XIX.

Palavras-chave: Estado, Imagem, Fotografia, D. Pedro II.

ABSTRACT

The aim of this study is to discuss the relationship among the necessity of Brazil imposition, the Don Pedro II policies and his attempt to create a new impact of the newborn nation in the second half of century XIX.

Key words: Nation, Image, Pictures, Don Pedro II.

Para se manter, qualquer Estado cria mecanismos de defesa. Um exército bem treinado garante a segurança das fronteiras; instituições sólidas permitem um bom funcionamento da máquina do governo; a conquista e a manutenção de territórios suprem as necessidades de recursos naturais para o Estado nacional. Todos esses argumentos, retirados dos grandes teóricos do Estado, são apenas algumas formas de garantir e, ao mesmo tempo, legitimar um Estado. Mas existem também outras estratégias, talvez mais sutis, para fortalecer a identidade nacional e legitimar um Estado. Criar uma memória e uma imagem nacionais são os meios culturais para isso.

No recém-criado Estado brasileiro, principalmente a partir da década de 1850, não foi diferente. E é discutir como se deu esse processo de criação dessa memória e dessa imagem do Brasil nesse período e como isso contribuiu para o fortalecimento desse Estado

é o objetivo deste texto. A fotografia serviu como instrumento de formulação de uma “imagem oficial”, ligada ao Imperador e que acabou sendo apropriada também pela elite cafeeira. O IHGB, Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, e seus intelectuais serviram como artífices da construção de uma memória nacional, extremamente ufanista, porém comprometida com o projeto político de D.Pedro II. Ambas, além de servir como divulgação da ideologia das elites do Segundo Reinado, serviram como propaganda para a auto-imagem do Imperador como defensor das artes e da ciência, um verdadeiro monarca ilustrado. D.Pedro II buscava a imagem de um Imperador esclarecido e procurava sustentar a idéia de que a elite imperial brasileira estava empenhada no avanço científico e preparada para incorporar as conquistas técnicas modernas, como o telégrafo e a ferrovia.

Em 1825, o francês Antoine Hercule Romuald Florence chegou ao Brasil para participar como desenhista de uma expedição científica ao interior do Brasil. Após a expedição, em 1829, Florence fixou residência em Campinas, onde realizou as primeiras experiências fotográficas do continente americano. Há evidências de que em 1833, portanto seis anos antes do anúncio oficial da descoberta de Louis Daguerre, em Paris, Florence já utilizava o processo de reprodução de imagens por meio da luz.

A partir de 1840 quando os primeiros equipamentos fotográficos chegaram ao Rio de Janeiro e a fotografia passou a ser um instrumento relativamente comum de reprodução de imagens, o Imperador e a elite começaram a usá-la para reproduzir e também, principalmente no caso do primeiro, para difundir sua imagem para o restante do Império. Mauad (1997) chama a atenção para a importância da fotografia *numa sociedade em que a maioria da população era analfabeta, tal experiência possibilita um novo tipo de conhecimento, mais imediato, mais generalizado, ao mesmo tempo em que habilita os grupos sociais a formas de auto-representação até então reservadas à pequena parte da elite que encomendava a pintura de seu retrato*. Ou seja, além de servir como um eficiente meio de divulgação de uma imagem das elites imperiais, a fotografia fez com que as camadas intermediárias da população tivessem acesso ao mesmo tipo de arte e de técnica disponíveis tanto na corte quanto nas grandes casas dos cafeicultores, colaborando ainda mais para a interiorização dos valores da elite nessas camadas da população. Ou nas palavras de Mauad (1997) *freqüentar o ateliê fotográfico faz parte de um conjunto de*

códigos de comportamento que pretendem igualar o habitante do Rio ao morador de Paris, e a rua do Ouvidor ao Boulevard des Italiens, integrando a cidade na civilização ocidental.

Vale a pena lembrar que, no Século XIX, a fotografia tinha um estatuto de reprodução fiel da realidade, que era considerada como uma forma objetiva de se representar, imune a qualquer interferência da subjetividade, obedecendo aos pressupostos da Ciência Moderna, ícone do progresso. A maioria das pessoas provavelmente ignorava que as poses, que os ângulos escolhidos, que a iluminação, que as roupas eram escolhidas de acordo com a imagem que o fotografado quisesse passar de si mesmo; enfim, considerava a fotografia uma forma objetiva de reproduzir a realidade. E as pessoas acabavam assimilando certos comportamentos sociais (geralmente oriundos da Europa e “filtrados” pela corte) de maneira quase inconsciente.

Na construção da imagem no Brasil através das fotografias, o índio, o negro (escravo) e as paisagens criavam a impressão do exótico, da exuberância natural do país. Essas fotografias vendiam a imagem de um Brasil que ao mesmo tempo em que se constituía como uma nação moderna e civilizada, também permitia a existência de tipos exóticos, nem que fossem apenas para serem estudados. Mas a relação é um pouco mais profunda, principalmente em relação ao indígena: esse era visto como habitante original do Brasil, portanto o primeiro senhor dessas terras, e exatamente por isso precisaria haver uma identificação imagética (e também histórica) entre o “Imperador do Brasil” e os “Caciques da Terra”. Essa identificação não se dava apenas através de imagens (como na xilogravura “Defensor perpétuo do Brasil”), mas também com a incorporação, por parte da realeza, de vestimentas indígenas.

Mas não foi só a fotografia que colaborou para a criação de uma imagem oficial para o Brasil. A Academia Imperial de Belas Artes, patrocinada por D. Pedro II, foi, segundo Schawrcz (1999), um importante pólo de criação e difusão de uma imagem e conseqüentemente de uma memória. Colocava o Imperador como o grande responsável pelo crescimento e civilização do Brasil, que teria o papel de principal país do Novo Mundo.

Mas para realizar *o projeto que implicava, além do fortalecimento da monarquia e do Estado, a própria unificação nacional, que também seria obrigatoriamente cultural* (Schawrcz: 1999), era também necessária à construção de uma História no século XIX,

fosse resgatar os grandes feitos de portugueses e indígenas que supostamente tinham construído o Brasil. Era exatamente essa concepção de História defendida pelas pessoas escolhidas por D.Pedro II para construí-la: os pesquisadores e literatos do IHGB.

Dentro de uma concepção romântica e nacionalista, o IHGB, principalmente através da figura de Gonçalves Dias, traçou uma História cronológica e linear que coloca os índios roussenianos e portugueses nobres de um lado (portugueses que figuram nessa história como antecessores de D.Pedro II) e portugueses e índios selvagens (“maus”) do outro. O primeiro par seria a semente da grande nação brasileira, o início da civilização e da cultura nacionais. Usando como símbolo da fundação nacional um índio de valores praticamente cristãos, Dias, numa narrativa que se passa no século XVI, “profetiza” sobre a futura independência e prosperidade do Brasil durante o reinado de D.Pedro II. Usando a História como um meio de legitimar o Estado e o Segundo Reinado, os historiadores do IHGB omitiram as diferenças regionais do Brasil e o próprio processo de colonização.

Assim como a fotografia, a História construída e divulgada pelo IHGB e pelo próprio monarca, legitima o Estado, criou uma memória que remete a colonização da suposta grandeza e estabilidade no Brasil durante o final do século XIX. Essa visão foi extremamente importante para a construção do Brasil como uma pátria, como um “único” povo e uma “única” cultura. A fotografia foi responsável para dar à nação sua auto-imagem, que não se restringia apenas ao retrato em si, mas também em relação ao comportamento europeizado que as elites tanto prezavam e à associação direta com o D.Pedro II, mecenas das artes e das ciências, que já tinha sido o responsável pela chegada do daguerreótipo ao Brasil. O IHGB foi o responsável para construir uma memória e uma cultura que em muitos momentos legitimavam as próprias fotografias e ao mesmo tempo centralizava em D. Pedro II a figura do grande monarca que levaria o Brasil a “ser grande entre as nações civilizadas”.

Neste ensaio optou-se por fazer uma análise política do desenvolvimento técnico e científico do Brasil durante o reinado de D.Pedro II, mas não podemos ignorar que relacionado a isso, e num aspecto mais amplo. Temos a Revolução Industrial inglesa e estadunidense que encontram no Brasil, com o aval e apoio, direto ou indireto, do governo brasileiro, uma gama relativamente grande de possibilidades de investimento e de criação de um mercado consumidor, fazendo parte desse mercado o próprio governo brasileiro.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Alexandra Ozório. *O Império ligado na Ciência*. São Paulo: Folha de São Paulo, 03/12/2000.

ALTMAN, Fábio. *O Brasil no espelho*. In: Revista Época. São Paulo: Globo, 18/11/2002.

MAUAD, Ana Maria. *Imagem e Auto Imagem do Segundo Reinado*. In: NOVAIS, Fernando. *História da vida privada no Brasil*. Vol.2. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SÁ, Vanessa & ESTEVES, Bernardo. *Descobridores do Brasil*. In: Revista Super Interessante, n.4. São Paulo: Abril, 2000.

SCHWARCZ, Lilia M. *Os guardiões da nossa História Oficial*. São Paulo: IDESP, 1995.

_____. *As barbas do Imperador: D.Pedro II, um monarca nos trópicos*. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

VARGAS, Milton (org.). *História da técnica e da tecnologia no Brasil*. São Paulo: UNESP e CEETPS, 1995.

Diamantino Fernandes Trindade

Professor de História da Ciência e Divulgação Científica do CEFET-SP

Professor de História da Ciência do ISE Oswaldo Cruz

Master of Science in Education Science – City University Los Angeles

Doutorando em Educação – PUC-SP

Laís dos Santos Pinto Trindade

Mestre em Educação – Universidade Cidade de São Paulo

Professora de Metodologia da Ciência das Faculdades Integradas de Boituva

Luiz Felipe dos Santos Pinto Garcia

Bacharel em História – USP